Revista de Educação do Vale do São Francisco
ISSN 2177-8183

RECIPROCIDADE DO OLHAR E ATENÇÃO COMPARTILHADA NO TEA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

GAZE RECIPROCITY AND JOINT ATTENTION IN AUTISM SPECTRUM DISORDER: THEORETICAL CONTRIBUTIONS AND A PEDAGOGICAL EXPERIENCE REPORT

RECIPROCIDAD DE LA MIRADA Y ATENCIÓN CONJUNTA EN EL TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: APORTES TEÓRICOS Y RELATO DE EXPERIENCIA PEDAGÓGICA

Peixoto de Souza Silva
professoralps@gmail.com
Especialização em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo,
em Atendimento educacional especializado
e em Especialização em Educação Especial e Inclusiva.
Secretaria de Educação - Prefeitura Municipal de Salvador

RESUMO

O presente trabalho aborda a reciprocidade do olhar no Transtorno do Espectro Autista (TEA) no campo da educação inclusiva. O objetivo deste estudo é discutir os padrões e mecanismos da atenção compartilhada no autismo, articulando contribuições da psicologia do desenvolvimento e dos estudos sobre neurodiversidade com a prática pedagógica. Fundamentado em uma abordagem qualitativa exploratória, o método combina revisão bibliográfica narrativa com relato de experiência pedagógica de caráter reflexivo, desenvolvido no contexto da rede pública municipal, em sala de aula regular. Por centrar-se na vivência da autora, o estudo prescindiu de aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa, nos termos da Resolução CNS nº 510/2016, com preservação do anonimato da criança, da instituição e de terceiros. A discussão problematiza interpretações reducionistas do contato visual, abordando conceitos como triangulação, o Problema da Dupla Empatia e as

CC BY

contribuições naturalísticas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e do Modelo Denver de Intervenção Precoce (ESDM). O relato de experiência evidencia que a construção de vínculos, a organização sensível do ambiente e a valorização dos interesses da criança constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento da atenção compartilhada e da comunicação social. Conclui-se que a reciprocidade do olhar no autismo deve ser compreendida como um fenômeno relacional e contextual, cuja promoção depende menos da imposição de padrões normativos de comportamento e mais da criação de condições éticas, afetivas e pedagógicas favoráveis ao encontro entre diferentes modos de ser, comunicar e interagir no mundo.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Atenção compartilhada. reciprocidade do olhar. Neurodiversidade. Educação inclusiva.

ABSTRACT

This study addresses gaze reciprocity in Autism Spectrum Disorder (ASD) within the field of inclusive education. The aim of this study is to discuss the patterns and mechanisms of joint attention in autism by integrating contributions from developmental psychology and neurodiversity studies with pedagogical practice. Grounded in an exploratory qualitative approach, the method combines a narrative literature review with a reflective pedagogical experience report conducted in a mainstream classroom within the municipal public school system. As the study is centered on the author's own professional experience, approval by a Research Ethics Committee was not required, in accordance with Brazilian National Health Council Resolution No. 510/2016, while ensuring the anonymity of the child, the institution, and all third parties involved. The discussion challenges reductionist interpretations of eye contact by examining concepts such as triangulation, the Double Empathy Problem, and the naturalistic contributions of Applied Behavior Analysis (ABA) and the Early Start Denver Model (ESDM). The experience report demonstrates that relationship building, the sensitive organization of the learning environment, and the recognition of the child's interests are fundamental elements for fostering joint attention and social communication. It is concluded that gaze reciprocity in autism should be understood as a relational and contextual phenomenon whose promotion depends less on imposing normative behavioral standards and more on creating ethical, affective, and pedagogical conditions that support meaningful encounters among different ways of being, communicating, and interacting with the world.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Joint attention. Gaze reciprocity. Neurodiversity. Inclusive education.

CC BY

RESUMEN

El presente trabajo aborda la reciprocidad de la mirada en el Trastorno del Espectro Autista (TEA) en el ámbito de la educación inclusiva. El objetivo de este estudio es analizar los patrones y mecanismos de la atención conjunta en el autismo, articulando las contribuciones de la psicología del desarrollo y de los estudios sobre neurodiversidad con la práctica pedagógica. Basado en un enfoque cualitativo de carácter exploratorio, el método combina una revisión bibliográfica narrativa con un relato de experiencia pedagógica de carácter reflexivo, desarrollado en el contexto de la red pública municipal, en un aula de educación regular. Al centrarse en la experiencia de la autora, el estudio no requirió la aprobación de un Comité de Ética en Investigación, de conformidad con la Resolución CNS n.º 510/2016, preservando el anonimato del niño, de la institución y de terceros. La discusión problematiza las interpretaciones reduccionistas del contacto visual, abordando conceptos como la triangulación, el Problema de la Doble Empatía y las contribuciones naturalistas del Análisis Aplicado de la Conducta (ABA) y del Modelo Denver de Intervención Temprana (ESDM). El relato de experiencia pone de manifiesto que la construcción de vínculos, la organización sensible del entorno y la valoración de los intereses del niño constituyen elementos fundamentales para el desarrollo de la atención conjunta y de la comunicación social. Se concluye que la reciprocidad de la mirada en el autismo debe comprenderse como un fenómeno relacional y contextual, cuya promoción depende menos de la imposición de patrones normativos de comportamiento y más de la creación de condiciones éticas, afectivas y pedagógicas que favorezcan el encuentro entre diferentes formas de ser, comunicarse e interactuar con el mundo.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Atención conjunta. Reciprocidad de la mirada. Neurodiversidad. Educación inclusiva.

INTRODUÇÃO

Um conhecido adágio, certamente desdobramentos de sabedorias ancestrais, diz que os olhos são considerados janelas da alma. Isso porque, através do olhar, revelamos sentimentos, verdades e emoções, o que indica um acontecimento no sentido existencial. Obviamente que não me refiro aos olhos na ação fisiológica, até

porque os cegos também veem. Refiro-me ao acontecimento mesmo do olhar no sentido de abertura ao outro e, consequentemente, a si mesmo.

Concordando com Nóvoa (2009, p. 27), na ideia de que “ensinamos aquilo que somos e naquilo que somos encontra-se muito daquilo que ensinamos”, minha história de vida é forjada pela dimensão pessoal em acontecimentos experienciados na educação com meus pais, nas aprendizagens com amigos, filhos e mesmo na intimidade vivida do meu coração. De igual modo, se imbrica com a dimensão profissional, sobretudo experiências em sala de aula. É nesse esteio que resgato alguns episódios que, de algum modo, constituem meu ser professora na prática pedagógica. Este artigo, portanto, pretende abordar, via relato de experiência, o acontecimento do olhar em um contexto bastante específico: o atendimento, em ambiente escolar, a crianças neurodivergentes, com ênfase nas crianças autistas.

A inquietação que fundamenta este estudo é, ao mesmo tempo, teórica e prática e busca refletir sobre o que significa, de fato, olhar para o outro. Ademais, questiona: o que significa — e o que implica — a ausência ou a diferença desse olhar em crianças autistas? Como seria possível, na condição de professora da sala regular de ensino, mediar a efetividade do olhar envolvendo crianças autistas? Essas perguntas, pois, orientam as reflexões, e a descrição de algumas experiências, aqui narradas, além de convidar o leitor a percorrer um caminho que atravessa o campo da Educação, mais ainda a Educação Inclusiva, principalmente em relação aos aspectos da experiência concreta de sala de aula. A discussão desse tema mostra-se relevante para a comunidade acadêmica e escolar porque contribui para superar leituras capacitistas do comportamento autista e qualificar práticas inclusivas que reconheçam diferentes formas de comunicação no cotidiano da sala de aula regular. Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir os padrões e mecanismos da reciprocidade do olhar no TEA a partir de experiências pedagógicas desenvolvidas nesse contexto educacional.

Desse modo, o objetivo é discutir os padrões e mecanismos da reciprocidade do olhar no TEA, articulando revisão bibliográfica narrativa com análise reflexiva de práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto da rede pública municipal. Trata-se, portanto, de um trabalho elaborado via abordagem qualitativa de natureza exploratória, estruturado em dois movimentos complementares. O primeiro, consiste em uma revisão bibliográfica narrativa, com levantamento de produções teóricas e empíricas sobre atenção compartilhada, reciprocidade do olhar, TEA e neurodiversidade publicadas. Foram privilegiados autores clássicos do campo do desenvolvimento infantil (Stern, 1992; Vygotsky, 1978; Bruner, 1983; Tomasello, 2003), referências contemporâneas sobre TEA e comunicação social (Mundy; Sigman, 2006; Trevarthen; Delafield-Butt, 2013; Schreibman *et al.*, 2015), além de produções recentes sobre neurodiversidade e processos de atenção compartilhada em contextos naturais (Milton *et al.*, 2022; Yurkovic-Harding; Yu; Smith, 2022; Chenausky *et al.*, 2024). O segundo movimento corresponde a um relato de experiência pedagógica de caráter reflexivo, desenvolvido pela autora no contexto das dinâmicas realizadas em sala de aula de uma escola da rede pública municipal. O caráter reflexivo do relato articula a experiência pedagógica à análise teórica, possibilitando a construção de conhecimento situado sobre as práticas educativas. As observações foram registradas por meio de anotações em diário de campo e relatórios pedagógicos produzidos ao longo do processo de acompanhamento. Importante observar que as experiências dos registros estão centradas na autora.

CAMINHO METODOLÓGICO E CONTEXTO

Trata-se de estudo qualitativo, de natureza exploratória, estruturado em dois eixos metodológicos articulados. O primeiro eixo consiste em uma revisão bibliográfica narrativa sobre atenção compartilhada, reciprocidade do olhar, TEA e

neurodiversidade. Foram privilegiados autores clássicos do desenvolvimento infantil, referências contemporâneas sobre autismo e comunicação social e estudos recentes acerca da neurodiversidade e dos processos de atenção compartilhada em contextos naturais.

O segundo eixo consiste em um relato de experiência pedagógica de caráter reflexivo, desenvolvido pela autora em uma turma regular da Educação Infantil de uma escola da rede pública municipal de Salvador. A experiência analisada envolveu uma criança autista da Educação Infantil, nível 3 de suporte, acompanhada durante 10 meses. O caráter reflexivo do relato articula a experiência pedagógica à análise teórica e possibilita a produção de conhecimento situado acerca das práticas educativas.

As vivências foram registradas em diário de campo e relatórios pedagógicos produzidos ao longo do acompanhamento. O material textual foi submetido a leitura reflexiva e interpretativa, com identificação de situações recorrentes relacionadas ao olhar, à atenção compartilhada, à mediação por objetos, à organização sensorial do ambiente e à construção do vínculo. Em seguida, esses registros foram articulados aos referenciais teóricos mobilizados nos eixos analíticos, de modo a estabelecer um diálogo sistemático entre experiência pedagógica e literatura.

Por se tratar de relato de experiência de caráter reflexivo, centrado nas vivências da própria autora, sem intervenção de pesquisa ou identificação dos participantes, o estudo prescindiu de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS nº 510/2016. Foram resguardadas as identidades da criança, da instituição e de terceiros, e os registros foram apresentados exclusivamente de forma anonimizada.

O ACONTECIMENTO DO OLHAR

A análise e a discussão sobre o acontecimento do olhar foram organizadas em cinco eixos articulados: (1) TEA, reciprocidade do olhar e atenção compartilhada no autismo; (2) contato visual como forma precoce de comunicação; (3) triangulação entre criança, interlocutor e objeto no desenvolvimento da linguagem; (4) contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e do Modelo Denver para a atenção compartilhada; e (5) olhar pedagógico na rede pública.

Sobre o tea e a reciprocidade do olhar e atenção compartilhada no autismo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por alterações persistentes na comunicação social e nos padrões de interação, além de comportamentos restritos e repetitivos (APA, 2023). Entre os primeiros sinais observados no desenvolvimento de crianças autistas, destacam-se diferenças relacionadas ao contato visual, à reciprocidade social e à atenção compartilhada — aspectos que, como se verá ao longo deste artigo, não podem ser interpretados de forma isolada ou reducionista.

A atenção compartilhada refere-se à capacidade de coordenar a atenção entre pessoas e objetos em um contexto social, envolvendo comportamentos como alternância do olhar, apontar, mostrar objetos e responder às iniciativas comunicativas do outro (Bosa, 2002). No desenvolvimento típico, essas habilidades surgem nos primeiros anos de vida e desempenham papel central na aquisição da linguagem e na construção das relações sociais.

Partindo dessa compreensão, cabe destacar que, no contexto do autismo, as dificuldades na atenção compartilhada não devem ser compreendidas apenas como ausência de contato visual, mas como diferenças na maneira pela qual a criança organiza, interpreta e compartilha experiências sociais. Conforme apontam Mundy e Sigman (2006), alterações na atenção compartilhada constituem um dos principais

marcadores precoces do TEA, exercendo influência direta sobre os processos de aprendizagem social e comunicação.

Diante desse quadro, discutir o compartilhamento do olhar em crianças autistas exige cautela teórica e ética, evitando interpretações reducionistas que compreendam o contato visual apenas como comportamento a ser treinado. Mais do que ensinar a criança a “olhar”, torna-se necessário compreender como favorecer experiências significativas de interação social e comunicação compartilhada. É a partir dessa perspectiva que este artigo se organiza, percorrendo as dimensões comunicativa, linguística, pedagógica e interventiva da atenção compartilhada no TEA.

Para compreender as particularidades da comunicação autista, é necessário retornar às origens do olhar como forma de linguagem. O compartilhamento do olhar constitui uma das formas iniciais de interação social entre o bebê e seus cuidadores. Antes mesmo da aquisição da linguagem verbal, o olhar funciona como recurso comunicativo capaz de expressar interesse, necessidade, curiosidade e disponibilidade para interação (Stern, 1992).

No desenvolvimento infantil típico, o bebê gradualmente aprende a coordenar o olhar entre o objeto e o interlocutor, construindo experiências de atenção compartilhada. Em crianças autistas, entretanto, esse processo pode ocorrer de maneira diferente, com menor frequência de alternância do olhar, menor iniciativa comunicativa ou dificuldades em responder às tentativas de interação social (Zanon; Backes; Bosa, 2015). Contudo, é importante ressaltar que essas diferenças não significam ausência de interesse relacional. Pesquisas contemporâneas indicam que muitas crianças autistas demonstram interesse social por meios distintos dos padrões convencionalmente esperados, utilizando outras formas de expressão e comunicação (Trevarthen; Delafield-Butt, 2013).

Nesse sentido, o compartilhamento do olhar em crianças autistas deve ser compreendido dentro de uma perspectiva relacional e contextual. O foco não deve estar apenas na frequência do contato visual, mas na função comunicativa que esse olhar desempenha durante a interação. Michael Tomasello defende que a atenção compartilhada e a capacidade de intencionalidade compartilhada constituem fundamentos essenciais para o desenvolvimento da linguagem e da cognição social. Para o autor, a compreensão de que o outro é um agente intencional com quem é possível coordenar experiências e objetivos conjuntos ocupa papel central nos processos de aprendizagem cultural (Tomasello, 2003). No contexto do TEA, dificuldades na coordenação de estados mentais compartilhados contribuem para a compreensão de algumas das particularidades observadas no espectro, sem implicar ausência de engajamento social, mas sim diferentes modos de organização e expressão da intersubjetividade.

Farah, Perissinoto e Chiari (2009) destacam que a atenção compartilhada apresenta relação direta com o desenvolvimento da linguagem e das competências sociais, uma vez que possibilita à criança compreender intenções comunicativas e participar de interações mediadas pelo outro.

Um aporte teórico fundamental para a releitura das dificuldades de reciprocidade no TEA é o Problema da Dupla Empatia (Double Empathy Problem), proposto por Damian Milton — pesquisador autista e acadêmico — e desenvolvido por Milton *et al.* (2022). Segundo essa perspectiva, as quebras de comunicação entre autistas e não autistas não derivam de um déficit exclusivo da pessoa autista, mas de uma incompatibilidade bidirecional entre sujeitos com diferentes mapeamentos experienciais. Isso implica reconhecer que o interlocutor também precisa aprender a ler os sinais não convencionais da criança autista, dividindo a responsabilidade da comunicação. Tal perspectiva fundamenta diretamente a prática pedagógica aqui

relatada, na qual o esforço de interpretação e adaptação partiu principalmente do adulto.

O contato visual como forma precoce de comunicação

Sob a perspectiva do desenvolvimento infantil, o contato visual constitui uma das manifestações mais precoces da comunicação humana. Antes mesmo do desenvolvimento da fala, os bebês estabelecem vínculos sociais e afetivos por meio do olhar, das expressões faciais e dos gestos, elementos fundamentais para as primeiras experiências de interação com os cuidadores (Trevarthen; Aitken, 2001).

Segundo Stern (1992), a comunicação precoce se estabelece a partir de experiências intersubjetivas, nas quais bebê e cuidador constroem significados compartilhados por meio de trocas afetivas, corporais e sensoriais que sustentam a organização inicial da vida psíquica e relacional. Nesse processo, a interação não depende exclusivamente da linguagem verbal, mas é mediada por expressões não verbais — olhar, vocalização, gestos e variações de afeto — que permitem a coordenação emocional entre os parceiros da interação. O olhar não se destaca apenas como comportamento observável, mas como elemento estruturante da experiência de reciprocidade, por meio do qual o bebê participa ativamente de padrões de troca com o cuidador.

Em crianças autistas, alguns estudos sugerem que o contato visual intenso pode gerar sobrecarga sensorial ou desconforto, o que influencia a maneira como essas crianças participam das interações sociais (Jones et al., 2017). Práticas que exigem contato visual de maneira insistente ou coercitiva podem produzir efeitos negativos na interação e no bem-estar da criança. Por essa razão, Vasconcelos (2022) defende que o trabalho com atenção compartilhada no TEA deve ser orientado por práticas que valorizem experiências espontâneas, funcionais e socialmente

significativas de interação, em vez de intervenções centradas na padronização de comportamentos comunicativos.

Pesquisas recentes de rastreamento ocular (eye-tracking) em contextos naturais de interação — como os estudos de Yurkovic-Harding, Yu e Smith (2022) e Chenausky *et al.* (2024) — demonstram que crianças autistas frequentemente atingem a atenção compartilhada focando nas mãos do interlocutor que manipula objetos, e não necessariamente nos olhos ou na face. Esse achado representa uma importante revisão do paradigma tradicional, ao evidenciar que a atenção compartilhada pode ocorrer por vias alternativas àquelas convencionalmente esperadas, deslocando o foco da face para as ações e os objetos. Tais resultados têm implicações diretas para a prática pedagógica, ao justificar cientificamente intervenções que utilizem objetos de interesse e movimentos das mãos como ponto de partida para a comunicação.

Triangulação entre criança, interlocutor e objeto no desenvolvimento da linguagem

A atenção compartilhada envolve uma dinâmica relacional conhecida como triangulação, na qual a criança coordena sua atenção entre o interlocutor e um objeto ou evento de interesse. Esse processo possui importância fundamental para o desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem social (Tomasello, 2003). Quando uma criança observa um objeto, olha para o adulto e percebe a resposta desse interlocutor, ocorre uma construção compartilhada de significados — é nesse movimento triangular que muitas aprendizagens sociais e linguísticas começam a se estruturar.

No contexto do TEA, as dificuldades relacionadas à triangulação podem interferir na aquisição da linguagem, especialmente porque a aprendizagem de palavras depende, em grande medida, da capacidade de compartilhar focos de atenção com o outro (Mundy; Sigman, 2006). Entretanto, é importante destacar que crianças autistas podem estabelecer formas próprias de triangulação e compartilhamento de interesse, frequentemente por meio de interesses específicos, movimentos corporais, objetos preferidos ou formas alternativas de comunicação. Trevarthen e Delafield-Butt (2013) argumentam que a intersubjetividade no autismo não está ausente, mas organizada de maneira diferente, o que implica reconhecer que a participação da criança autista em experiências compartilhadas pode ocorrer por vias diversas das convencionalmente esperadas.

A triangulação pode ser compreendida também à luz da perspectiva sociocultural do desenvolvimento. Vygotsky (1978) destaca que as funções psicológicas superiores emergem inicialmente no plano interpsicológico, sendo posteriormente internalizadas, o que evidencia o papel estruturante da mediação do outro na constituição da linguagem. Bruner (1983) complementa ao enfatizar que a aquisição linguística ocorre em "formatos de interação" organizados socialmente, nos quais rotinas compartilhadas de atenção e ação conjunta sustentam a construção progressiva de significados.

Os achados de Yurkovic-Harding, Yu e Smith (2022) enriquecem esse quadro ao demonstrar que crianças autistas e neurotípicas frequentemente atingem atenção compartilhada por meio das mãos que manipulam objetos. Esse dado, como se verá na seção seguinte, encontra correspondência direta nas observações pedagógicas aqui relatadas, em que o objeto de interesse da criança funcionou como mediador primário da interação comunicativa.

Portanto, educadores, terapeutas e familiares precisam construir oportunidades de interação que partam dos interesses da criança, utilizando objetos, brincadeiras e experiências significativas como mediadores da comunicação — não apenas como adaptação estratégica, mas como reconhecimento legítimo de que a dinâmica triangular se organiza de forma diferente em cada sujeito.

Breves contribuições da aba e do modelo denver para o desenvolvimento da atenção compartilhada

As reflexões teóricas e as observações pedagógicas apresentadas nas seções anteriores encontram ressonância nas abordagens interventivas desenvolvidas especificamente para o contexto do TEA. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), cujas bases científicas remontam à psicologia comportamental do século XX e que ganhou sistematização no campo do autismo a partir dos estudos de Lovaas nas décadas de 1960-1970, e o Early Start Denver Model (ESDM), ambas reconhecem a importância da atenção compartilhada, da reciprocidade social e das interações mediadas pelo olhar para o desenvolvimento da comunicação e da aprendizagem (American Psychiatric Association, 2023; Leaf; Mceachin, 1999; Rogers; Dawson, 2010).

A ABA fundamenta-se nos princípios da análise do comportamento e utiliza estratégias estruturadas para favorecer habilidades sociais, comunicativas e adaptativas. A atenção compartilhada é trabalhada por meio de interações planejadas que incentivam a iniciativa comunicativa, a alternância de atenção entre objeto e interlocutor e a responsividade social. Abordagens contemporâneas da ABA têm

buscado priorizar práticas naturalísticas e socialmente significativas, afastando-se de modelos excessivamente mecanizados. Schreibman et al. (2015) destacam que intervenções comportamentais naturalísticas favorecem o engajamento social em contextos reais de interação, utilizando interesses espontâneos como mediadores da aprendizagem. No caso das crianças autistas, essas estratégias mostram-se especialmente relevantes porque possibilitam que o compartilhamento do olhar ocorra dentro de experiências afetivamente significativas, e não como resposta mecânica a comandos externos.

O Modelo Denver, por sua vez, integra conhecimentos da psicologia do desenvolvimento e da análise do comportamento, priorizando experiências lúdicas, afetivas e interativas entre a criança e o adulto. Segundo Rogers e Dawson (2010), o desenvolvimento da atenção compartilhada constitui um dos principais objetivos do modelo, sendo trabalhado por meio de brincadeiras compartilhadas, reciprocidade emocional e coordenação da atenção. O adulto acompanha os interesses da criança e os utiliza para ampliar oportunidades de interação social, comunicação e construção de linguagem — dinâmica que se aproxima diretamente da dinâmica triangular discutida neste artigo.

Um aspecto convergente entre ambas as abordagens é o reconhecimento de que o contato visual não deve ser imposto de forma coercitiva. O objetivo das intervenções não é obrigar a criança autista a olhar nos olhos, mas favorecer experiências em que o olhar possa emergir espontaneamente como recurso funcional de comunicação e compartilhamento social. Esse posicionamento dialoga com as perspectivas da neurodiversidade (Singer, 1999; Walker, 2021) e com o Problema da Dupla Empatia (Milton *et al.*, 2022), ao reconhecer que a reciprocidade comunicativa se constrói em relação, e não por imposição unilateral.

O OLHAR PEDAGÓGICO NA REDE PÚBLICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

O relato de experiência apresentado neste estudo refere-se ao acompanhamento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível 3 de suporte, realizado ao longo de dez meses em uma turma regular da Educação Infantil de uma escola da rede pública municipal de Salvador, Bahia. A criança apresentava ausência de linguagem verbal funcional, comportamentos repetitivos, reduzido contato visual e baixa responsividade às interações sociais. Por razões éticas, foram preservados os dados identificadores da escola, da criança e de terceiros. Em consonância com o caráter reflexivo do trabalho, a análise concentra-se nas vivências e reflexões pedagógicas da autora.

Desde os primeiros momentos de convivência, foi necessário construir uma aproximação sensível e respeitosa ao ritmo e às formas próprias de interação da criança. O cuidado, portanto, sempre foi um princípio ético a atravessar as relações. Afinal, a reciprocidade do olhar como acontecimento jamais pode se dar por uma imposição. Assim, a observação atenta de seus comportamentos, interesses e pequenas manifestações cotidianas orientou a compreensão de suas necessidades e possibilitou o reconhecimento de suas formas de expressão, ainda que sutis. Ao longo do processo, evidenciou-se que as manifestações comportamentais — incluindo as estereotipias — funcionavam não apenas como expressão de dificuldades, mas como pistas importantes para a elaboração de intervenções mais significativas.

Durante as práticas pedagógicas, foram observadas reações intensas de aversão diante de determinados estímulos sensoriais, especialmente aqueles relacionados à iluminação da sala. Essa percepção levou à reorganização do ambiente de forma mais acolhedora, com redução dos estímulos que geravam sobrecarga sensorial e comprometiam a disponibilidade para a interação. Essa abordagem acolhedora já indicava para mim algo fundante e que só posteriormente iria compreender melhor, ou seja, que a reciprocidade do olhar passa por uma ética do cuidado e condições acolhedoras. Isso converge com o conceito de “metodologia

viva," proposto por Ribeiro (2018; 2020), segundo o qual a prática docente se sustenta prioritariamente na presença ética, na disponibilidade para o encontro e na abertura ao outro, ultrapassando uma concepção centrada exclusivamente em técnicas pedagógicas.

Dando sequência, em um pequeno espaço anexo à sala, utilizado para armazenamento de materiais pedagógicos, a criança demonstrava grande interesse por um brinquedo com ímã. Esse interesse espontâneo foi compreendido como uma via de acesso importante para o estabelecimento do vínculo pedagógico — uma manifestação concreta da dinâmica triangular descrita por Tomasello (2003), na qual o objeto funciona como mediador da interação entre criança e adulto.

O espaço foi reorganizado com duas cadeiras posicionadas de forma a favorecer uma angulação horizontalizada do olhar. Introduziu-se uma lanterna com baixa incidência de luz, respeitando a sensibilidade sensorial observada. Inicialmente, a criança explorava o ambiente livremente, realizando movimentos espontâneos e repetitivos. A intervenção pedagógica consistia em observar suas ações e oferecer reforços positivos sutis diante de gestos de permanência compartilhada ou de mínima abertura relacional. Em termos da perspectiva da Dupla Empatia (Milton et al., 2022), o esforço de adaptação e interpretação partiu predominantemente do adulto — o que representa não apenas uma estratégia, mas uma postura ética fundamental no contexto da educação inclusiva.

À medida que se consolidou a confiança mútua, foram introduzidos elementos pedagógicos de forma integrada ao brincar: noções de número e quantidade, classificação e seriação, correspondência e pareamento. Histórias curtas e músicas simples, com inserção intencional do nome da criança, foram utilizadas para fortalecer o vínculo afetivo e promover sensações de proximidade e pertencimento. As variações de entonação, as expressões faciais e as pausas estratégicas tornaram a experiência

CC BY

mais atrativa, e a criança passou a espelhar movimentos e expressões, participando de forma mais envolvida e espontânea.

Ao longo de 10 meses, foram identificadas mudanças progressivas na comunicação: vocalizações com intenção comunicativa; avanços na atenção compartilhada, evidenciados pela busca de divisão do foco de atenção; e trocas de olhar durante as interações, especialmente nos momentos de manipulação de objetos — o que dialoga diretamente com os achados de Yurkovic-Harding, Yu e Smith (2022) sobre a atenção compartilhada mediada pelas mãos. Observou-se ainda ampliação gradual da tolerância ao toque e à proximidade física, com surgimento de abraços espontâneos, e uma abertura maior nas interações com outras crianças, favorecendo o desenvolvimento de vínculos e a integração ao grupo.

Essa experiência evidencia que, na educação inclusiva, o trabalho pedagógico frequentemente se inicia antes da abordagem dos conteúdos formais, tendo como base a construção de vínculos, a segurança emocional e o reconhecimento das singularidades de cada criança. O relato reforça a relevância de práticas pedagógicas sensíveis, individualizadas e sustentadas pela observação atenta das manifestações infantis — especialmente no trabalho com crianças que demandam níveis mais intensos de suporte. No contexto da rede pública, marcado por salas numerosas, excesso de estímulos e demandas diversas, o professor que assume um olhar ético, sensível e pedagogicamente fundamentado, torna-se um mediador insubstituível do desenvolvimento comunicativo. Como experiência situada, este percurso oferece subsídios para ações de formação continuada e para a elaboração de políticas públicas voltadas aos profissionais da rede pública, particularmente aos que atuam em turmas numerosas e acompanham crianças com maiores demandas de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou discutir os padrões e mecanismos da reciprocidade do olhar no TEA, a partir de dois movimentos complementares: a revisão bibliográfica narrativa e o relato de experiência pedagógica. A integração desses dois registros — teórico e vivido — foi uma escolha metodológica deliberada, fundamentada na compreensão de que o conhecimento sobre a comunicação autista se constrói também na prática cotidiana de educadores e cuidadores.

A introdução deste trabalho evocou um adágio antigo: os olhos são as janelas da alma. Essa imagem não foi escolhida por acaso. Ela anuncia, desde o início, que o olhar de que aqui se trata não é o olhar fisiológico, nem o contato visual enquanto comportamento mensurável — mas o olhar como acontecimento, no sentido existencial do termo: abertura ao outro, disponibilidade para o encontro, possibilidade de ser afetado e de afetar. É esse acontecimento que este texto perseguiu, na teoria e na experiência, firmando-se como premissa indispensável para a práxis pedagógica inclusiva.

Os resultados da revisão e da experiência convergem para uma conclusão central: a reciprocidade do olhar e a atenção compartilhada no TEA não podem ser compreendidas como ausências a serem corrigidas, mas como formas diferentes de organização da intersubjetividade — conforme argumentam Trevarthen e Delafield-Butt (2013) e Milton *et al.* (2022). O relato pedagógico aqui descrito exemplifica como a atenção compartilhada pode emergir por vias não convencionais: por meio das mãos, dos objetos de interesse, das vocalizações e dos movimentos corporais — exatamente o que estudos recentes de rastreamento ocular têm confirmado empiricamente (Yurkovic-Harding; Yu; Smith, 2022; Chenausky *et al.*, 2024). Se os olhos são janelas da alma, este trabalho sugere que essas janelas não têm uma única forma: podem abrir-se de frente, de lado, por gestos, pelo toque, pelas mãos que manipulam um ímã — e todas essas aberturas são igualmente reais, igualmente significativas, igualmente dignas de atenção e respeito. Os resultados da revisão e da

experiência convergem para uma conclusão central: a reciprocidade do olhar e a atenção compartilhada no TEA não podem ser compreendidas como ausências a serem corrigidas, mas como formas diferentes de organização da intersubjetividade. A vivência analisada neste estudo exemplificou como a atenção compartilhada pode manifestar-se para além do contato visual, emergindo nas interações mediadas por gestos, objetos significativos, vocalizações e movimentos corporais, convergindo com o que estudos recentes de rastreamento ocular têm confirmado empiricamente. Se os olhos são janelas da alma, a principal contribuição deste trabalho é mostrar que elas não revelam o encontro de uma única maneira. Reconhecer essa pluralidade de formas de encontro é reconhecer, também, a legitimidade das diferentes maneiras de comunicar, compartilhar e construir reciprocidade.

O acontecimento do olhar, tal como vivido na experiência narrada, numa metodologia viva, revelou-se precisamente naquilo que não estava previsto: no momento em que uma criança que mal tolerava a proximidade passou a oferecer, espontaneamente, um abraço. Nesse instante, algo se produziu entre dois sujeitos que carregam modos distintos de estar no mundo — e isso é o acontecimento. Não uma conquista técnica, não um resultado de protocolo, mas um encontro que só foi possível porque o adulto, antes de ensinar, aprendeu a olhar: aprendeu a ler os sinais não convencionais, a reorganizar o ambiente, a seguir os interesses da criança e a esperar, com paciência ética, o momento em que a abertura poderia acontecer. A perspectiva do Problema da Dupla Empatia (Milton *et al.*, 2022) ilumina essa dinâmica ao lembrar que a responsabilidade do encontro é compartilhada: não basta que a criança autista “aprenda a olhar” — é preciso, antes, que o outro aprenda a ser olhado de maneiras que ainda não conhece.

Promover a atenção compartilhada, portanto, não implica a imposição de padrões normativos de contato visual, mas a criação de condições para que o acontecimento seja possível: espaços acolhedores, relações de confiança, tempo

respeitoso, escuta sensível às formas singulares de cada sujeito se abrir ao mundo. Nesse sentido, a ética do cuidado — que atravessou toda a experiência aqui narrada — não é apenas uma orientação pedagógica; é uma condição ontológica do encontro.

Do ponto de vista das limitações deste estudo, reconhece-se que o relato de experiência, por sua natureza singular e contextualizada, não permite generalizações. Os dados produzidos dizem respeito a uma criança específica, em um contexto específico, e devem ser lidos como um exemplo ilustrativo e reflexivo, e não como evidência empiricamente controlada. Contudo, as reflexões aqui tecidas evidenciam a urgência de discutir as condições estruturais das redes públicas de ensino, muitas vezes marcadas por turmas numerosas, excesso de estímulos, precarização do trabalho docente e insuficiência de formação específica para a atuação inclusiva em classes regulares, fatores que desafiam a implementação de práticas individualizadas, sensíveis e eticamente orientadas. Estudos futuros poderiam investigar empiricamente os efeitos da redução de estímulos sensoriais em salas inclusivas sobre o engajamento comunicativo de crianças autistas com diferentes níveis de suporte, bem como aprofundar a aplicação do referencial da Dupla Empatia e do conceito de acontecimento em contextos pedagógicos brasileiros.

Por fim, reafirma-se que a diversidade neurológica não constitui exceção a ser corrigida, mas condição constitutiva do desenvolvimento humano. Se os olhos são janelas da alma, como anuncia o adágio que abre este trabalho, então a alma da educação inclusiva está precisamente na disposição de conhecer e valorizar as muitas formas pelas quais essas janelas se abrem — inclusive aquelas que se abrem de maneiras que ainda não sabemos ver. A construção de práticas pedagógicas sensíveis, individualizadas e eticamente fundamentadas é um imperativo tanto científico quanto humano. E a pergunta que orientou este artigo permanece aberta, como convite à reflexão contínua: o que acontece — no sentido mais profundo do termo — quando dois olhares se encontram, mesmo que de maneiras diferentes?

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. texto rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.
BOSA, Cleonice Alves. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 77–88, 2002.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRUNER, Jerome. **Child's talk**: learning to use language. New York: Norton, 1983.

CHENAUSKY, J.; STUART, M.; BRIGNOLE, C. Eye-tracking in naturalistic social interactions: redefining joint attention in autistic and neurotypical children. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 54, n. 3, p. 892-905, 2024.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: an overview. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, art. 10, 2011.
FARAH, Leila Sandra Damião; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Estudo longitudinal da atenção compartilhada em crianças autistas não verbais. **Revista CEFAC**, v. 11, n. 4, p. 587–597, 2009.

JONES, Warren *et al.* Brief report: assessment of social attention, eye contact, and affect in children with autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 47, n. 9, p. 2878–2885, 2017.

LEAF, Ron; MCEACHIN, John. **A work in progress**. New York: DRL Books, 1999.

MILTON, D.; HEASMAN, B.; SHEPPARD, E. Double empathy: a decade of a radical idea in autism research. In: **The Routledge international handbook of critical autism studies**. London: Routledge, 2022. p. 115-129.

MUNDY, Peter; SIGMAN, Marian. Joint attention, social competence and developmental psychopathology. In: CICCHETTI, Dante; COHEN, Donald. **Developmental psychopathology**. New York: Wiley, 2006.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine. Early Start Denver Model. New York: Guilford Press, 2010.

RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **Metodologia Viva e Aprendizagem Significativa: contrapontos ao neotecnicismo**. In: Carmen Silvia Motta Bandini; Lidia Maria Marson Postalli; Heloisa Helena Motta Bandini; Liércio Pinheiro de Araújo. (Org.). Conversando sobre saúde e educação: práticas e desafios. 1ed.Curitiba: CRV, 2020, v. 1, p. 1-158.

RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **Por uma metodologia** viva: docência, identidade e relações interpessoais. In: Ivonise Fernandes da Motta; Anna Silvia Rosal de Rosal; Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva. (Org.). Psicologia: relações com o contemporâneo. 1ed.São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2018, v. 01, p. 50-77.

SCHREIBMAN, Laura *et al.* Naturalistic developmental behavioral interventions. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 45, n. 8, p. 2411–2428, 2015.
SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? In: CORKER, Mairian; FRENCH, Sally (org.). **Disability discourse. Buckingham**: Open University Press, 1999. p. 59-67.

SPRY, Tami. Performing autoethnography: an embodied methodological praxis. **Qualitative Inquiry**, v. 7, n. 6, p. 706-732, 2001.

STERN, Daniel N. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TREVARTHEN, Colwyn; AITKEN, Kenneth J. Intersubjectivity in infant development. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 42, n. 1, p. 3–48, 2001.

TREVARTHEN, Colwyn; DELAFIELD-BUTT, Jonathan. Autism as a developmental disorder in intentional movement and affective engagement. **Frontiers in Integrative Neuroscience**, v. 7, p. 49, 2013.

VASCONCELOS, Thaís Beril Pimentel. **O papel do contato com o olhar para o compartilhamento da atenção em casos de crianças com TEA**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, 2022.

VYGOTSKY, Lev S. **Mind in society**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

WALKER, Nick. **Neuroqueer heresies**: notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities. Fort Worth: Autonomous Press, 2021.

YURKOVIC-HARDING, J.; YU, C.; SMITH, L. B. The temporal dynamics of coordinated attention in dyadic interactions: path from hands to eyes. **Developmental Science**, v. 25, n. 4, e13214, 2022.

ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. Diferenças conceituais entre resposta e iniciativa de atenção compartilhada. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 17, n. 2, 2015.